**O castelo do Rei**

Quando contaram ao pobre Poeta que Aquela que ele mais amava jazia enferma na sombra do perigo, ele ficou à beira da loucura.

Durante semanas estivera sozinho; ela, sua Esposa, fora para longe, para seu velho lar, a fim de ver um velho ancestral antes de ele morrer.

Por alguns dias, o coração do Poeta estivera oprimido por uma estranha tristeza. Ele não sabia a causa dela; só sabia, com a profunda empatia que é o dom do poeta, que Aquela que ele amava estava doente. Esperou ansiosamente por notícias. Quando as novidades chegaram, o choque, apesar de ter esperado uma mensagem triste, fora demais para ele, que ficou à beira da loucura.

Em sua tristeza e ansiedade, saiu ao jardim que, por longos anos, havia cultivado para Ela. Ali, entre flores resplandecentes, onde as velhas estátuas suavemente brancas se erguiam com as cercas de teixo ao fundo, ele se deitou na grama de verão, alta e não cortada, e chorou com sua cabeça enterrada no chão.

Pensou em todo o passado – sobre como ele havia conquistado sua Esposa e como eles se amavam; e lhe parecia uma coisa triste e cruel que ela estivesse longe e em perigo, e que ele não estivesse perto para confortá-la ou mesmo compartilhar de sua dor.

Muitos, muitos pensamentos voltaram a ele contando a história de anos fatigantes, cuja melancolia e solidão ele havia esquecido no resplendor de seu amável lar...

De como na juventude eles, o par, haviam se conhecido e, num instante, amado um ao outro. Como a pobreza dele e a grandeza dela os haviam mantido separados. Como ele lutara e trabalhara na estrada íngreme e pedregosa rumo à fama e à fortuna.

De como, através de todos aqueles anos fatigantes, lutara com a única ideia de conseguir um tal lugar na história de seu tempo que o fizesse capaz de aproximar-se e dizer para ela “eu te amo”, e para seus parentes orgulhosos “sou digno, pois eu também me fiz grande”.

De como, em meio a todo esse sonhar com um tempo feliz que poderia vir, ele se manteve silente quanto a seu amor. De como nunca a vira ou ouvira a voz dela, ou mesmo conhecera sua morada, para evitar que, sabendo, falhasse no propósito de sua vida.

De como o tempo – tal qual sempre acontece com aqueles que trabalham com honestidade e obstinação – coroou as labutas e a paciência de sua vida.

De como o mundo chegou a conhecer e reverenciar e amar seu nome como o de alguém que, por seu exemplo, ajudara os fracos e os cansados; de alguém que purificara os pensamentos de todos os que escutavam suas palavras; e de alguém que havia varrido a baixeza ante a grandeza e a simplicidade de seus nobres pensamentos.

De como o sucesso se seguira ao despertar da fama.

De como, enfim, no seu coração timorato pela dúvida do amor, nascera o pensamento de que ele finalmente alcançara a grandeza que justificava sua busca pela mão daquela que amava.

De como ele havia retornado à sua terra natal, e lá ainda a encontrara desimpedida.

De como, quando ele ousara contar a ela sobre seu amor, ela lhe sussurrara que também havia esperado todos esses anos, pois sabia que ele por fim viria reivindicá-la.

De como ela havia vindo com ele, como sua noiva, para o lar que ele estivera construindo para ela por todos esses anos. De como, ali, eles viveram felizes; e ousaram olhar atentamente aos longos anos por vir em busca de alegria e contentamento sem limites.

De como ele pensou que, mesmo um pouco enfraquecido em sua força pelo incessante trabalho dos anos e pela preocupação da esperança, podia vislumbrar tempos felizes por vir.

Mas, ah!, que esperança; pois quem sabe o que o futuro pode trazer? Somente há pouco tempo sua Amada o deixara saudável, partindo por causa do dever; e, agora, ela jazia doente, sem tê-lo por perto para ajudar.

Todo o sol de sua vida parecia estar desvanecendo. Todos os longos anos de espera e a paciente persistência na virtude que havia coroado seus anos com o amor não pareciam mais que um sonho efêmero, e tudo era em vão – tudo, tudo em vão.

Agora, com a sombra pairando sobre sua Amada, a nuvem parecia estar acima e em volta deles, e contendo, em seus recessos ofuscados, a perdição de ambos.

“Por quê? Oh, por que”, perguntou o pobre Poeta ao ar invisível, “o amor veio a nós? Por que paz e alegria e felicidade se as turvas asas do perigo ensombrecem o ar em torno dela e me deixam só, a chorar?”

Assim ele lamentou, e delirou, e chorou; e amargas horas o atravessaram em sua solidão.

Enquanto jazia deitado no jardim com sua face enterrada na grama alta, vieram a ele e disseram, chorando, que notícias – tristes, de fato – haviam chegado.

Enquanto falavam, ele levantou sua pobre cabeça e os fitou; e eles viram nos olhos grandes, escuros e tenros que agora ele estava um tanto perturbado. Sorriu triste para eles, como se não estivesse entendendo bem o significado de suas palavras. Tão ternamente quanto puderam, eles tentaram dizer a ele que Aquela que ele mais amava estava morta.

Disseram:

“Ela andou pelo Vale das Sombras”; mas ele pareceu não os compreender.

Sussurraram:

“Ela ouviu a Música das Esferas”, mas ele ainda não os compreendia.

Falaram pesarosos com ele, e disseram:

“Ela agora reside no Castelo do Rei”.

Ele lhes dirigiu um olhar ávido, como que para perguntar:

“Que castelo? Que rei?”

Arquearam suas cabeças; e, enquanto se viravam, chorando, murmuraram suavemente:

“O Castelo do Rei da Morte”.

Ele nada disse; então, viraram de volta suas faces chorosas. Viram que ele havia se levantado e estava de pé, com um firme propósito em seu rosto. Então, ele disse suavemente:

“Vou encontrá-la; porque lá onde ela mora eu também posso morar”.

Eles lhe disseram:

“Você não pode ir. Além do Portal ela está, no Reino da Morte”.

Um propósito firme brilhou nos olhos sérios e amáveis do Poeta enquanto ele lhes respondia pela última vez:

“Aonde ela foi, para lá eu vou também. Pelo Vale das Sombras farei meu caminho. Nestes ouvidos também soará a Música das Esferas. Procurarei e encontrarei minha Amada nos Salões do Castelo do Rei. Abraçá-la-ei firme – mesmo diante da face medonha do Rei da Morte”.

Quando ouviram essas palavras, abaixaram suas cabeças novamente, choraram e disseram:

“Ai! Ai!”

O poeta virou-se e os deixou; e foi embora. Teriam-no seguido de bom grado; mas, com um gesto, ele pediu ali ficassem. Então, sozinho, em seu pesar, partiu.

Enquanto avançava, virou-se e balançou sua mão num aceno de adeus. Então, por alguns instantes, deteve-se com a mão levantada, e girou lentamente em todas as direções.

De repente, sua mão estendida parou e apontou. Seus amigos, olhando para ele, viram onde, para além do Portal, a imensidão ociosa se espalhava. Ali, no meio da desolação, a névoa dos pântanos se suspendia como um manto de trevas no horizonte longínquo.

Quando o Poeta apontou para lá, houve um brilho de felicidade – muito, muito fraco – em seus olhos pobres e tristes, enlouquecidos com a perda, como se, ao longe, ele contemplasse algum sinal ou esperança da Perdida.

Rápida e tristemente, o Poeta viajou pelo dia escaldante.

A Hora de Descanso chegou, mas ele continuou a jornada. Não parou nem por sombra, nem por descanso. Nunca, nem mesmo por um instante, parou para esfriar seus lábios ressecados com um gole gelado das fontes cristalinas.

Os viajantes fatigados, descansando em sombras frescas ao lado das fontes, levantavam suas cabeças estafadas e olhavam-no com olhos modorrentos enquanto ele passava apressado. Ele não lhes prestava atenção, e continuava sempre adiante com um propósito firme em seus olhos, como se alguma faísca de esperança, irrompendo das névoas dos pântanos distantes, o encorajasse.

Assim viajou por todo o dia escaldante, e por toda a noite silenciosa. De manhã bem cedo, quando a promessa do sol ainda não nascido despertava o céu oriental com uma luz pálida, ele se aproximou do Portal. O horizonte sobressaía sombrio na luz fria da manhã.

Lá, como sempre, estavam os Anjos que mantinham guarda e vigilância, e, oh!, impressionante!, apesar de invisíveis a olhos humanos, eles eram vistos pelo Poeta.

Quando se aproximou, eles o fitaram com pena e abriram bastante suas asas, como que para abrigá-lo. Ele falou; e, de seu coração atormentado, as tristes palavras saíram docemente de seus lábios pálidos:

“Dizei, Vós que guardais o Reino, minha Amada passou por aqui em jornada para o Vale das Sombras, para ouvir a Música das Esferas, e para habitar no Castelo do Rei?”

Os Anjos no Portal inclinaram suas cabeças em sinal de assentimento. Eles se viraram e olharam para fora do Reino, para onde, longe, na vastidão ociosa, as úmidas névoas rastejavam, vindas do coração inerte do pântano.

Eles bem sabiam que o pobre e solitário Poeta estava em busca de sua Amada; então, não o impediram, nem o encorajaram a ficar. Eles tiveram pena dele, muita, por ele amar muito.

Abriram alas para que ele pudesse passar pelo Portal sem obstáculo.

Assim, o Poeta seguiu adiante para o deserto desolado a fim de procurar por sua Amada no Castelo do Rei.

Durante algum tempo, passou por jardins cuja beleza era mais perfeita que a dos jardins do Reino. A doçura de todas as coisas penetrava nos sentidos como odores das Ilhas dos Abençoados.

A sutileza do Rei da Morte, que reina nos Domínios do Mal, é grande. Ele ordenou que o caminho além do Portal fosse feito cheio de encantos. Assim, aqueles que se desviam dos caminhos consagrados ao bem sempre encontram em torno de si tanta beleza que, em sua alegria, a melancolia e a crueldade e a culpa do deserto são esquecidas.

Mas, à medida que o Poeta seguia adiante, essa beleza começava a desvanecer.

Os belos jardins se pareciam com jardins dos quais foi retirada a mão do cuidado, e cujas ervas em abundância sufocam, à medida que nascem e crescem, a vida das mais finas flores.

De aleias gélidas sob galhos esparramados, e da relva viçosa que tocava tão suave quanto veludo os pés dolorosos do Viajante, o caminho se tornou uma vereda pedregosa e árida, completamente aberta aos raios abrasantes do sol. As flores começaram a perder seu odor e a diminuir, impedidas de vicejar. Grandes moitas de cicuta se elevavam por todos os lados, infectando o ar com seu odor fétido.

Grandes fungos cresciam nos buracos escuros nos quais jaziam poças de água salobra. Árvores altas, com galhos como esqueletos, erguiam-se – árvores que não tinham folhas, e parar sob suas sombras significava morrer.

Então, rochas enormes barraram o caminho. Só se podia atravessá-las por passagens estreitas e tortuosas, sob penhascos que pendiam como maciços e ameaçavam desabar e engolfar o Visitante a qualquer momento.

Aqui, a noite começou a cair, e a névoa turva subindo dos pântanos longínquos tomou formas estranhas de coisas sombrias. Na solidez distante das montanhas, os animais selvagens começaram a rugir em suas tocas cavernosas. O ar se tornara medonho com os sons apavorantes da estação noturna.

Mas o pobre Poeta não dava atenção às visões e aos sons maléficos do temor. Sempre adiante ele seguia – não pensava nos terrores da noite. Para ele, não havia medo da escuridão – nenhum medo da morte – nenhum pensamento no horror. Procurava por sua Amada no Castelo do Rei; e, nessa ávida busca, todos os terrores naturais estavam esquecidos.

Assim ele seguia adiante, através da noite infindável. Pelo desfiladeiro acima ele caminhava. Pelas sombras das grandes rochas, ileso, ele passava. Os animais selvagens cercavam-no rugindo furiosamente – seus grandes olhos flamejando como estrelas ardentes através da escuridão da noite.

Das rochas altas, grandes jiboias rastejavam e se penduravam para capturar sua presa. Das fendas do escarpado das montanhas, e de fissuras cavernosas do caminho rochoso, serpentes venenosas deslizavam e se erguiam para atacar.

Mas, embora chegassem bem perto, todas as coisas nocivas se abstinham de atacar, pois sabiam que o Visitante solitário estava indo para o Castelo do Rei.

Mais adiante, mais adiante ele rumava – incessante – sem parar pelo caminho –, mas progredindo sempre em sua busca.

Quando por fim a luz do dia irrompeu, o sol se levantou sobre uma visão desoladora. Ali, lutando para avançar pelo caminho rochoso, o pobre e solitário Poeta seguia sempre adiante, não dando atenção ao frio ou à fome ou à dor.

Seus pés estavam descalços, e suas pegadas no caminho polvilhado de pedras eram marcadas por sangue. Em volta e atrás dele, longe, mantendo o mesmo passo nos cumes da cadeia de montanhas, vinham os animais selvagens que olhavam para ele como uma presa, mas que se abstinham de tocá-lo porque ele buscava o Castelo de seu Rei.

No ar rodopiavam os pássaros repugnantes, que sempre seguem o rastro dos moribundos e dos perdidos. Pairavam os abutres de pescoços nus, com olhos ávidos e bicos famintos. Suas grandes asas batiam preguiçosamente no ar parado enquanto seguiam o rastro do Viajante. Os abutres são um povo paciente e aguardam sua presa sucumbir.

Saindo dos recessos cavernosos nos vales estreitos da montanha negra, rastejavam, velozes e em silêncio, as serpentes que ali espreitam. Veio a jiboia, com suas dobras colossais e caracóis intermináveis, de onde a pequena cabeça chata observava com olhos perspicazes. Com toda sua tribo, veio a sucuri, que captura sua presa pela força e a esmaga com a temível rigidez de seu abraço. Vieram as najas e todas aquelas que com seu veneno destroem suas presas. Aqui, também, vieram aquelas serpentes, as mais terríveis de todas para suas presas – as que fascinam com olhos de estranha magia e com a graça lenta de sua abordagem.

Aqui, vieram ou ficaram à espera cobras dissimuladas, que tomam a cor da erva, ou da folha, ou do galho morto, ou da poça viscosa, e que espreitam nesses lugares para atacar suas presas desatentas.

Havia grandes serpentes trepadeiras, de corpo ágil, dessas que se dependuram em rochas ou galhos. Segurando-se firmemente em seu apoio à distância, elas dão um bote para baixo com a rapidez da luz, quando, como chicotes, arremessam de longe seus corpos sobre suas presas.

Assim, apareceram todas essas coisas nocivas a fim de encontrar o Homem em Busca e para tomá-lo de assalto. Porém, quando tomavam conhecimento de que ele estava indo para o terrível Castelo de seu Rei, e viam como ele seguia adiante sem medo, elas se abstinham de atacar.

A jiboia fatal e a sucuri, erguendo-se em dobras colossais, ficaram passivas e, dessa vez, mantiveram-se quietas como pedra. As najas retraíram novamente suas presas venenosas. Os olhos sedutores e profundamente intensos da cobra encantadora ficaram pálidos e abatidos quando ela sentiu que seu poder de atração era ineficaz. E em meio a seu bote letal, a cobra trepadeira deteve seu curso, e ficou dependurada na rocha ou no galho como uma linha frouxa.

Muitos seguiam o Viajante no deserto selvagem, aguardando e esperando uma chance de destruí-lo.

Muitos outros perigos também se apresentavam ao pobre Viajante no ócio do deserto. À medida que ele avançava, o caminho rochoso se tornava mais íngreme e mais escuro. Fumaças lúridas e névoas gélidas e mortais se erguiam.

Então, nesse caminho pela vastidão indiscernível, havia coisas estranhas e terríveis.

Mandrágoras – metade planta, metade homem – berravam para ele com um grito desesperador, agudo, quando, sem conseguir fazer o mal, esticavam seus braços medonhos em vão.

Espinhos gigantes cresciam pelo caminho; eles perfuravam seus pés sofridos e rasgavam sua carne à medida que ele seguia em frente. O Poeta sentia a dor, mas não lhe dava atenção.

Durante toda a longa e terrível jornada, ele só teve um único pensamento que não fosse o de sua ávida busca pela Amada. Pensou que os filhos dos homens poderiam aprender muito com a jornada para o Castelo do Rei, que começara tão bela entre os jardins perfumados e sob a sombra fresca das árvores espraiadas. Em seu coração, o Poeta falou à multidão dos filhos dos homens; e de seus lábios as palavras fluíram como música, pois ele fez uma canção sobre o Portão Dourado que os Anjos chamam de Verdade.

“Não passe o Portal do Reino do Pôr do Sol, não!

Pare onde os Anjos em sua vigília estão.

Cuidado! Mesmo estando abertos os portões não passe,

Do lado de cá, seguro, relaxe.

Ainda que jardins perfumados e caminhos frescos chamem,

Os vales da noite mais sombrios lá jazem.

Descanse! Descanse contente. Pare, ainda imaculado,

Não procure os horrores do deserto devastado”.

Assim, esmagando todos os obstáculos com seus pés que sangravam, seguiu sempre em frente o pobre e perturbado Poeta, para procurar sua Amada no Castelo do Rei.

E à medida que seguia adiante, até mesmo a vida animal parecia morrer atrás dele. Os chacais e os animais selvagens mais covardes se safavam. Leões e tigres, e ursos, e lobos, e todos os mais corajosos entre os ferozes animais de caça, que seguiam seu rastro até mesmo depois de os outros terem parado, agora começavam a hesitar em sua perseguição.

Eles rosnavam baixo e então rugiam alto com as cabeças levantadas; os pelos eriçados de suas bocas se agitavam irados, e os grandes dentes brancos rangiam nervosamente juntos em raiva aturdida. Eles continuavam um pouco mais, e paravam novamente, rugindo e rosnando como antes. Então, um a um, eles pararam, e o pobre Poeta continuou sozinho.

No ar, os abutres rodopiavam e crocitavam, parando e hesitando em seus voos. Como os animais selvagens, eles também pararam, após um longo tempo, de seguir no ar o Viajante em seu caminho.

Por mais tempo do que todos seguiam em frente as cobras. Contorcendo-se muito e deslizando furtivamente, elas seguiam bem de perto os passos do Homem em Busca. Nas marcas de sangue de seus pés sobre as duras rochas, elas encontravam alegria e esperança, e continuavam sempre a segui-lo.

Mas chegou a hora em que o aspecto horrível dos lugares pelos quais o Poeta passava deteve até mesmo o rastejo das serpentes – os desfiladeiros sombrios de onde saem ventos venenosos que varrem com desolação até as tocas dos animais de rapina – a rigidez estéril que marcha sobre os vales da desolação. Aqui, as próprias serpentes sorrateiras pararam seu curso; e também desapareceram gradualmente. Deslizaram de volta, sorrindo com um rancor mortal, às suas rachaduras repulsivas.

Então chegaram lugares em que as plantas e o verdor começaram a desaparecer. As próprias ervas se tornaram mais e mais atrofiadas e inanes. Mais além, elas definhavam até a esterilidade de rochas inanimadas. Então, as ervas mais nocivas, que cresciam em formas medonhas de trevas e terror, perderam até mesmo o poder de ferir, que normalmente sobrevive depois que elas morrem. Definhadas e atrofiadas até mesmo do mal, elas eram condensadas em pedra morta. Aqui, até mesmo a Figueira mortal não conseguia lançar raízes na terra pestífera.

Então chegaram lugares em que, na entrada do Vale das Sombras, até as coisas sólidas perdiam sua substância, e se derretiam em névoas pútridas e geladas que flutuavam ao redor.

Enquanto passava, o Poeta ensandecido não conseguia sentir terra firme sob seus pés ensanguentados. Nas sombras ele andava, e no meio delas, para diante, através do Vale das Sombras, a fim de procurar sua Amada no Castelo do Rei.

O Vale das Sombras parecia ter uma extensão interminável. Circundado por névoas abundantes, olho algum poderia penetrar onde se erguiam as grandes montanhas entre as quais o Vale ficava.

No entanto, lá estavam elas – a Montanha do Desespero de um lado, e a Colina do Medo do outro.

Até aqui o pobre cérebro perplexo do Poeta não havia notado todos os perigos, e horrores, e dores que o circundavam – exceto, somente, pela lição que ensinavam. Mas agora, perdido como estava no vapor amortalhado do Vale das Sombras, ele não conseguia pensar em nada mais que os terrores do caminho. Estava cercado por fantasmas pavorosos, que de vez em quando se erguiam silenciosos na névoa, e se perdiam novamente antes que ele pudesse apreender totalmente seu sentido horrível.

Então, ali lampejou através de sua alma um pensamento terrível.

Seria possível que sua Amada tivesse viajado para lá? Haviam-na acometido as dores que faziam tremer em agonia seu próprio estado de espírito? Era mesmo necessário que ela tivesse sido aterrorizada por todos aqueles horrores ao redor?

Ao pensar nela, sua Amada, sofrendo tanta dor e medo, soltou um grito amargo que soou por toda a solidão – que partiu o vapor do Vale e ecoou nas cavernas das montanhas do Desespero e do Medo.

O grito selvagem, prolongado pela agonia na alma do Poeta, soou por todo o Vale, até que as sombras que o povoavam despertaram temporariamente para a vida-na-morte. Elas voavam rápida e indistintamente, agora desvanecendo e logo depois se lançando novamente à vida – até que o Vale das Sombras ficou, por uma única vez, todo povoado por fantasmas despertos.

Oh!, naquela hora houve agonia na alma do pobre Poeta ensandecido.

Mas logo em seguida veio uma tranquilidade. Quando o susto de sua primeira agonia passou, o Poeta se deu conta de que aos Mortos não chegam os horrores da jornada que ele empreendeu. É somente para os Vivos que existe o horror da passagem até Castelo do Rei. Com esse pensamento, veio-lhe uma tal paz que até mesmo ali – no escuro Vale das Sombras – insinuou-se uma música suave, que soou na escuridão do deserto como a Música das Esferas.

Então o pobre Poeta se lembrou do que lhe haviam dito; que sua Amada havia percorrido o Vale das Sombras, que conhecia a Música das Esferas, e que habitava no Castelo do Rei. Então ele pensou que, como estava no Vale das Sombras, e como podia escutar a Música das Esferas, logo deveria ver o Castelo do Rei, onde sua Amada habitava. Assim, ele continuou esperançoso.

Mas, ai!, aquela mesma esperança era uma nova dor, da qual ele não sabia antes disso.

Até ali, ele havia caminhado cegamente, não se importando com para onde ia ou com o que se aproximava dele, contanto que seguisse adiante em sua busca; mas agora a escuridão e o perigo do caminho guardavam novos terrores, e por isso o Poeta ficou a imaginar como eles poderiam deter seu curso. Tais pensamentos tornavam o caminho de fato longo, pois os momentos pareciam toda uma era de esperança. Avidamente, ele procurou pelo vindouro fim, quando, além do Vale das Sombras pelo qual ele viajava, veria erguidas as torres do Castelo do Rei.

O desespero parecia crescer nele; e, à medida que crescia, soava, sempre mais alta, a Música das Esferas.

Adiante, sempre adiante, precipitou-se com pressa furiosa o pobre e ensandecido Poeta. As sombras turvas que povoavam a névoa recuavam quando ele passava, estendendo a ele mãos de alerta, com dedos longos e sombrios de um frio mortal. No silêncio amargo do momento, elas pareciam dizer:

“Volte! Volte!”

Cada vez mais alto soava agora a Música das Esferas. Cada vez mais rápido, com pressa furiosa, febril, corria o Poeta, no meio das Sombras em recuo do vale sombrio. As sombras povoadoras, à medida que desapareciam à sua frente, pareciam lamuriar um alerta pesaroso:

“Volte! Volte!”

Em seus ouvidos ainda soava, incessante, a crescente turbulência da música.

Cada vez mais rápido, ele corria adiante; até que, por fim, a extenuada natureza cedeu, e ele caiu de bruços na terra, desacordado, sangrando, e sozinho.

Depois de um tempo – que ele não podia nem mesmo supor quanto seria –, despertou de seu desmaio.

Por um momento, não conseguiu imaginar onde estava; e seus sentidos dispersos eram incapazes de ajudá-lo.

Tudo era sombra e frio e tristeza. Uma solidão reinava ao seu redor, mais mortal do que qualquer coisa com a qual já tivesse sonhado. Não havia brisa no ar; nenhum movimento de uma nuvem que passasse. Nenhuma voz ou barulho de ser vivo da terra, ou da água, ou do ar. Nenhum farfalhar de folha ou balançar de galho – tudo estava silencioso, morto, e abandonado. Entre as eternas colinas de sombra ao redor jazia o vale desprovido de tudo o que vive e cresce.

As névoas flutuantes, com sua multidão de sombras, haviam ficado para trás. Até mesmo os terrores apavorantes do deserto não estavam lá. O Poeta, quando mirou ao redor de si, em sua completa solidão, desejou o ímpeto da tempestade ou o estrondo da avalanche para romper o horror pavoroso das trevas silenciosas.

Então, o Poeta percebeu que havia chegado ali depois de atravessar o Vale das Sombras; que, embora assustado e enlouquecido, ele ouvira a Música das Esferas. Agora pensava arduamente nisso ao andar pelo desolado Reino da Morte.

Olhou em volta de si, temendo não ver em lugar algum o terrível Castelo do Rei, onde sua Amada habitava; e berrou quando o medo de seu coração encontrou voz:

“Não aqui! Oh, não aqui, no meio desta horrível solidão”.

Então, em meio ao silêncio circundante, sobre colinas distantes, suas palavras ecoaram:

“Não aqui! Oh, não aqui!”, até que, com o eco e o reverberar do eco na rocha, aquele ermo morto foi povoado de vozes.

De repente, as vozes do eco cessaram.

Do céu lúrido acima irrompeu o som terrível do estrondo de um trovão. Pelos céus distantes se propagou. Bem longe, sobre o anel infinito do horizonte gris, arrojou-se – indo e voltando – estrepitando – crescendo – desaparecendo. Atravessou o éter, murmurando agora um som ominoso, como se fizesse ameaças, e em seguida estalou com a voz de uma pavorosa ordem.

De seu rugido veio um som semelhante a uma palavra:

“Adiante”.

O Poeta caiu de joelhos e recebeu com lágrimas de alegria o som do trovão, que havia arrebatado, como um Poder de Cima, a desolação silenciosa do ermo. O trovão lhe disse que, dentro e acima do Vale das Sombras, propagavam-se os poderosos sons do comando dos Céus.

Então o Poeta ficou de pé e, com o coração renovado, continuou adiante, penetrando no ermo.

À medida que caminhava, o ressoar do trovão ia se extinguindo aos poucos, e, novamente, o silêncio de desolação reinou sozinho.

Assim o tempo passou aos poucos; mas nunca chegava descanso para os pés fatigados. Adiante, ainda adiante ele seguia, com uma única memória a animá-lo – o eco em seus ouvidos do trovão cujo estrondo havia reverberado pelo Vale da Desolação:

“Adiante! Adiante!”

Agora a estrada se tornava menos e menos rochosa conforme ele seguia em seu caminho. Os grandes penhascos diminuíam e se encolhiam, e a vegetação do brejo já subia até o sopé da montanha.

Após um longo tempo, as colinas e os desvãos das fortalezas da montanha desapareceram. O Viajante seguiu seu caminho por entre ruínas simplesmente indiscerníveis, nas quais não havia nada exceto o chão vacilante de pântanos e brejos.

Adiante, adiante ele vagueou, tropeçando cegamente com pés fatigados na estrada sem fim.

Sobre sua alma pairava cada vez mais próxima a escuridão do desespero. Enquanto estivera vagando entre as gargantas da montanha, em certa medida ele era encorajado pela esperança de que, a qualquer momento, alguma curva no caminho pudesse lhe mostrar o fim de sua jornada. Alguma entrada de um desfiladeiro escuro poderia lhe desvelar, agigantando-se na distância – ou mesmo próximo a ele –, o terrível Castelo do Rei. Mas, agora, com a desolação monótona do pântano silencioso à sua volta, percebeu que o Castelo não poderia existir sem que ele o visse.

Ficou por um tempo ereto, e se virou lentamente para que a volta completa do horizonte fosse abarcada por seus olhos ávidos. Ai, ele não viu coisa alguma! E lá não havia nada exceto a linha escura do horizonte, onde a terra triste se encontrava com o céu homogêneo. Tudo, tudo estava condensado em trevas silenciosas.

Ele cambaleou mais adiante. Sua respiração ficou rápida e dificultosa. Seus membros fatigados tremiam ao mantê-lo fragilmente em pé. Sua força – sua vida – estava diminuindo depressa.

Em frente, em frente, ele se apressava, sempre em frente, com uma ideia desesperadamente fixa em sua pobre mente ensandecida: no Castelo do Rei ele encontraria sua Amada.

Tropeçou e caiu. Nenhum obstáculo detinha seus pés. Era somente por sua própria fraqueza que sucumbira.

Rapidamente se levantou e seguiu adiante com pés ligeiros. Temia que, se caísse, talvez não fosse capaz de se levantar de novo.

Novamente caiu. Novamente se levantou e continuou seu caminho desesperadamente, com um objetivo cego.

Assim, por um tempo ele continuou a avançar, tropeçando e caindo, mas se erguia sempre e não parava no seu caminho. Continuou sua busca por sua Amada, que morava no Castelo do Rei.

Por fim, ficou tão fraco que, quando desabou, não pôde mais se levantar.

Ficou cada vez mais fraco enquanto jazia de bruços; e sobre seus olhos ávidos pairou o véu da morte.

Mas mesmo então veio o conforto, pois ele sabia que sua corrida havia acabado, e que logo ele encontraria sua Amada nos Salões do Castelo do Rei.

Ao ermo ele contou seus pensamentos. Sua voz saiu com um som fraco, como o suave uivo que antecede um vendaval passando por juncos no outono gris:

“Mais um pouco. Logo a encontrarei nos Salões do Rei, e não nos separaremos mais. É por isso que vale a pena passar pelo Vale das Sombras e escutar a Música das Esferas com sua esperança dorida. Qual é a vantagem, se o Castelo fica longe? Rápidos correm os pés dos mortos. Ao espírito fugaz, toda distância é somente um átimo. Não temo ver agora o Castelo do Rei; pois lá, dentro de seu Salão principal, logo encontrarei minha Amada – para não mais separar dela”.

Enquanto falava, sentiu que o fim estava próximo.

Do pântano diante dele vinha uma névoa imóvel que se espalhava. Ela se ergueu silenciosamente, mais alto – mais alto –, envolvendo todo o vasto ermo ao redor. Tomou matizes mais profundos e mais escuros à medida que se erguia. Era como se o Espírito das Trevas estivesse escondido ali dentro, e se tornasse mais potente com o vapor que se espalhava.

Aos olhos do moribundo Poeta, a névoa que pairava era um castelo sombrio. Elevavam-se o torreame e a lúgubre torre principal. O portão de entrada, com seus recessos cavernosos e suas torres salientes, tinha a forma de uma caveira. As ameias distantes erguiam-se altas, penetrando o ar silencioso. Bem naquele chão sobre o qual o Poeta jazia extenuado, começava, turva e escura, uma vasta trilha que levava à penumbra dos portões do Castelo.

O Poeta moribundo ergueu sua cabeça e olhou. Seus olhos tão enfraquecidos, animados pelo amor e pela esperança de seu espírito, trespassaram os muros negros da fortaleza e os terrores sombrios dos portões.

Ali, dentro do grande Salão em que o próprio Rei dos Terrores, severo, reúne sua corte, ele a viu, aquela que ele procurava. Ela estava nas fileiras daqueles que esperam pacientemente por seus Amados para seguir com eles ao Reino da Morte.

O Poeta percebeu que só precisava esperar mais alguns breves instantes, e ele era paciente – abatido, no entanto, jazia em meio às Solidões Eternas.

De longe, além do distante horizonte, veio uma luz fraca, como a da manhã de um dia vindouro.

À medida que brilhou mais forte, o Castelo se destacou mais e mais claramente; até que, na manhã desperta, ele se revelou em toda sua extensão gélida.

O Poeta moribundo soube que o fim estava próximo. Com um último esforço, pôs-se de pé, pois que ereto e destemido, como manda a hombridade, ele poderia então se encontrar face a face com o severo Rei da Morte diante dos olhos de sua Amada.

Ao longe, o sol do dia nascente se erguia sobre o contorno do horizonte.

Um raio de luz disparou para cima.

Quando o raio atingiu o cume da torre principal do Castelo, o Espírito do Poeta, no tempo de um instante, flutuou pela trilha à sua frente. Flutuou através do portal fantasmagórico do Castelo, e encontrou com alegria o Espírito gêmeo que amava diante da própria face do Rei da Morte.

Mais rápido do que o lampejo de um raio, todo o Castelo derreteu no nada; e o sol do dia vindouro brilhou calmamente sobre as Solidões Eternas.

No Reino dentro do Portal nasceu o sol do dia vindouro. Brilhou calmo e vivamente num belo jardim, onde, em meio à grama alta do verão, jazia o Poeta, mais frio do que as estátuas de mármore à sua volta.